

**DANUZA
LEÃO**
DE MALAS
PRONTAS



COMPANHIA DAS LETRAS

copyright © 2009 by Danuza Leão

capa

WARRAKLOUREIRO

imagem de capa e miolo

FILIFE JARDIM

endereços

LUIZA LEMOS

preparação de texto

MÁRCIA COPOLA

checagem de nomes próprios

<COMPLETAR>

revisão

CARMEN S. DA COSTA

<COMPLETAR>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leão, Danuza

Danuza Leão de malas prontas. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1343-9

1. Viagens — Narrativas pessoais I. Título.

08-09766

CDD-910.4

Índices para catálogo sistemático :

1. Relatos de viagens 910.4 2. Viagens: Relatos 910.4

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

telefone (11) 3707-3500

fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

SÃO PAULO	00	São Paulo — meca
	00	Feijoada light
	00	Deixa a vida te levar
	00	<i>Foie gras</i> com pera e chips de jiló
	00	São Paulo 24 horas
	00	Um giro pela arte
	00	As lichias da Malásia
	00	São Paulo <i>by night</i>
	BUENOS AIRES	00
00		Carne e champã
00		Evita
00		Bife de Kobe argentino
00		Panelaços
00		Tango e solidão
00		Cilada para turista
00		La Concepción
BERLIM	00	Tango zen
	00	Os alemães são bons de cama
	00	Ninguém em cima do muro
	00	De um tudo
	00	A bela de Berlim
	00	Casa e comida para todos
	00	Habite-se
	00	Comendo no escuro
	00	À noite, vale tudo
	00	Perdidas na noite
LONDRES	00	<i>Auf wiedersehen</i>
	00	Um pouquinho de Paris
	00	<i>How are you today?</i>
	00	<i>Well, well, well</i>
	00	London, London
	00	Ternos eternos
	00	De botar no chinelo
	00	<i>Very British</i>
	00	Endereços
00	Agradecimentos	

SÃO PAULO – MECA

Quando pinta um feriado que emenda com um fim de semana, vem logo a vontade de viajar; mas para onde? Pois seja original: esqueça Salvador, aonde você já foi tantas vezes, o Nordeste inteiro, com seu mar maravilhoso, o Pantanal, Miami, e vá para São Paulo, onde terá belas surpresas. Você não sabe — como eu não sabia — o que é a cidade em dias de feriado. Não há trânsito, viva!, os restaurantes estão mais vazios; São Paulo na Semana Santa é o paraíso (e o comércio não fecha).

Houve um tempo em que eu ia a São Paulo com uma certa frequência; ainda muito jovem, com dezesseis, dezessete anos, não perdia um Grande Prêmio no Jockey Clube, pois, na semana que o antecedia, eram coquetéis, jantares e festas todos os dias, e uma turma de garotas do Rio, daquelas que gostavam de um agito — como eu —, não ia perder o GP São Paulo. E logo um paulistano se encantou comigo, e namoramos um pouquinho — só um pouquinho. Seu nome era Carlão Mesquita, e sua família, dona do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Um dia ele me convidou para ir ver as obras do novo edifício do jornal, perto do antigo Hotel Jaraguá. Lá fo-

mos nós, e subimos seis ou sete andares de escada, já que os elevadores ainda não estavam funcionando. Carlão, entusiasmado, me mostrava onde ia ser a redação, a oficina, a sala do editor, e eu prestando a maior atenção. A imprensa sempre foi meu fraco, como se vê. Quando terminamos a visita, eu, garota, carioca e totalmente alienada, perguntei, com grande interesse: “E quando é que o jornal vai começar a sair?”. Essa era a pior ofensa que podia ser feita a um Mesquita. Pois foi a partir daí que Carlão se apaixonou por mim; claro, uma menina como eu não saber que o poderoso *Estadão* existia tinha que fazer aquele efeito.

Mas Carlão era paulistano demais para a minha cabeça; voltei para o Rio e para minha praia, e só nos encontramos de novo em Paris, no Bar Anglais do Plaza Athénée, eu já casada com Samuel Wainer. Ficou muito claro que ele ainda era sensível a meus charmes, digamos assim. E nesse encontro eu até já sabia o que era o *Estadão*, que não poupou Samuel, na tentativa de acabar com Getúlio e com a *Última Hora*. Mas essa é outra história.

São Paulo era bem diferente do que é hoje: havia os quatrocentões, de sobrenome Prado, Alves Lima, Penteado, os italianos, que eram olhados meio de banda, e os libaneses — turcos, como eram chamados —, que não tinham nenhum acesso ao dito society.

Mas São Paulo mudou, e eu praticamente não conhecia essa nova São Paulo. Ia num dia e voltava no outro, às vezes até na mesma noite, sempre a trabalho, e desperdiçava quase todo o meu tempo dentro de um táxi, em engarrafamentos colossais. Mas quis o destino que na úl-

tima Sexta-Feira da Paixão eu pegasse um avião e fosse passar uns dias na cidade. Foi quando pude conhecê-la melhor e entender por que os paulistanos gostam tanto dela — apesar de tantos estarem se mudando para o Rio.

Foi difícil escolher em que hotel ficar. As pessoas só me indicavam ou os famosos, modernos e luxuosíssimos, ou os do tipo americano, com duzentos andares e quinhentos apartamentos por andar, ou apart-hotéis. Eu gosto de luxo, porém não preciso dele para viver; sou até bem simples, mas tenho verdadeiro pavor a qualquer apart-hotel do mundo — e não existe cidade no planeta que tenha mais aparts do que São Paulo. Aquele clima de homens de negócios de pastinha na mão que foram para uma reunião e que voltam na manhã seguinte me deprime. E não há um só que tenha um quarto quadrado, um banheiro quadrado; num apart tudo é meio torto, e todos têm cheiro de mofo.

Resolvi arriscar: peguei um táxi no aeroporto e dei o endereço de um dos “hotéis” que tinham me indicado. O motorista não sabia onde era, claro, porque nenhum motorista de São Paulo conhece endereço algum, embora quase todos tenham GPS. Quando paramos e vi que se tratava de um apart, disse logo: “Nem pensar”. E fomos indo de hotel em hotel, com a maior dificuldade, eu ligando do celular para os amigos para saber os endereços e ver de qual gostava mais.

Comecei pelo Fasano, que é de um enorme bom gosto, com um hall na entrada, e um bar que dá a impressão de que ali você vai encontrar o homem de sua vida. Sentei numa cadeirinha do bar e pedi uma vodca tônica,

para festejar minha chegada à cidade. Só lamentei não estar com uma ótima companhia, no entanto nada é perfeito. Mas o Fasano, apesar do seu indiscutível requinte, não era exatamente o que eu estava procurando. Meus amigos mais alternativos poderiam ser olhados de banda naquele bar fantástico.

De pergunta em pergunta chegamos ao Emiliano, todo moderno, com cadeiras dos irmãos Campana na entrada. Mas tão vazio — portaria, bar e restaurante — que parecia ainda não ter sido inaugurado. Pedi para ver um quarto, e me mostraram algo realmente inusitado: apertando um botão, você pode regular a temperatura da tábua do vaso sanitário, o que quase me matou de medo. E se eu apertasse o botão errado e saísse toda queimada, sem poder sentar durante meses? É nesse hotel que Gisele Bündchen se hospeda; quando a top toma o elevador, ele sobe para seu andar ou desce para a portaria, sem parar no caminho, para não tirar a paz da bela. E, quando Beth Lagardère esteve lá, havia uma camareira à sua disposição 24 horas por dia, para ajudá-la a tirar os sapatos, desabotoar a blusa, essas coisas que nenhuma mulher que se preza sabe — ou deve — fazer sozinha. Não, também não era o hotel dos meus sonhos.

Rumei então para o Unique, cujo bar é o must dos candidatos a playboy da cidade. Entrei na portaria — toda negra, chão e paredes — e resolvi subir direto para o bar, no último andar, com uma vista deslumbrante de São Paulo, para tomar um drinque e sentir o clima, também dominado pela cor negra. O lugar é tão moderninho, as pessoas tão jovens, os garçons tão escolhidos a dedo, pela simpatia, a música tão modernamente insuportável, que

pedi uma vodca com a conta junto e saí correndo, com medo de que um vampiro ou um morcego me atacassem. Decididamente, aquela não era minha praia.

Havia também o Hyatt, onde ficaram Madonna e Elton John, mas não pertencem à turma do show business. E o Tivoli, que eu conhecia por ter ido uma ocasião visitar uma amiga e cujo hall de entrada será, um dia, ponto turístico da cidade. Lembro que a cama era tão grande, mas tão grande, que nela caberiam cinco ou seis pessoas, e eu era uma só. Não, não era bem o que eu procurava.

Já estava à beira do desespero quando meu anjo da guarda me lembrou de um lugar onde eu tinha me hospedado muito tempo antes e que havia adorado: o l'Hotel, que faz parte da cadeia não dos Leading Hotels of the World, mas dos Leading Small Hotels of the World. Ele é *cosy*, elegante e discreto, decorado por Jorge Hue, um dos arquitetos de maior bom gosto do país. Fui recebida com todas as gentilezas possíveis, e o melhor de tudo: eles tinham conservado minha ficha; por isso, bastou uma assinatura, ou seja, não tive que preencher aquele cadastro igual ao que você preenche nos bancos quando quer abrir uma conta. Os outros hotéis custavam em torno de mil reais por dia, e o meu, tudo o que eu queria na vida, a metade. Nada como saber das coisas.

Gracinhas do hotel: quando você chega à noite, além dos chocolatinhos de praxe, encontra debaixo da porta do quarto o boletim meteorológico anunciando qual a temperatura do dia seguinte (como se adiantasse; em São Paulo, o tempo muda a cada quinze minutos). No café da manhã — uma mesa tão grande e repleta de coisas gos-

tosas que você se sente na casa de Dona Canô, mãe de Caetano Veloso —, uma moça delicada e cheia de boas intenções me explica que até um certo ponto da mesa tudo é light; eu, que costumo tomar no café da manhã um iogurte com adoçante, comi todos os bolos, queijos e presuntos, e senti a delícia que é um pãozinho fresco com manteiga. Comi, e depois só fiz me arrepender, claro. Foi assim todos os dias: comer e me arrepender, mas a carne é fraca — a minha, pelo menos, é. Ah, e te oferecem champanhe para misturar no suco de laranja.

Outra gracinha: quando o hotel recebe árabes, a direção põe no quarto deles uma pequena bússola, para que esses hóspedes possam se posicionar corretamente na hora de rezar. E me forneceram uma lista de 72 países (só dos Estados Unidos, havia noventa cidades) — alguns eu nem sabia que existiam: se eu quisesse um jornal de qualquer um desses lugares, bastava fazer uma cruzinha do lado, como nas churrascarias. Achei isso o máximo, e quis ver para crer; pedi um jornal do Kuwait e um da República Dominicana, e não é que eles chegaram?

Na minha ronda pelos hotéis não cheguei a tocar nos lençóis — que deviam ser de algodão egípcio, claro —, para ver com quantos fios eram feitos; aliás, nem saberia contar, só sei que quanto mais fios melhor. Aprendi ainda que não é apenas uma questão de quantidade de fios, mas da região do Egito em que o algodão foi colhido, e existem jogos de cama que custam a bagatela de 15 mil dólares. Frescura é uma delícia, mas também não é preciso exagerar.